convento depois construido á sua foz pelos capuchinhos francezes da expedição, se chamou de S. Francisco. Começou Ravardière por fortificar essa chapada por meio de uma cerca que guarneceu de vinte peças; e depois attrahiu para a ilha com muitas dadivas e promessas os Indios daquelles contornos até cem e duzentas leguas. Em cada aldêa punha por chefe um francez, com alguns soldados. Logo tratou de mandar explorar o paiz, de fortifical-o, e de fazer muitas roças. SEC. XXVI.

Deviam estas noticias chegar ao conhecimento da côrte, quer por via do proprio Brazil, quer da França, onde os preparativos se haviam feito sem grande segredo. O certo é que nos mezes de Outubro e Novembro expediu o governo ordens terminantes a Gaspar de Souza, sucessor de D. Diogo de Menezes, já autorisado a fixar provisoriamente a residencia em Pernambuco, para tratar da conquista do Maranhão. Não se dizia, ao menos por escripto, uma palavra de expulsão dos Francezes, de cujas forças parece nem havia exacta idea. Pelo contrario o governador se limitou a proseguir o plano proposto pelo seu antecessor, da criação de uma nova capitania além do Ceará, no porto de Camucim; e della elegeu por capitão ao mesmo Jeronymo de Albuquerque, que antes o fôra do Rio Grande [1], e era «experimentado nas cousas do sertão e dos Indios e grande truxamante ou lingua entre elles, e com nome de seu bemfeitor e parente... mui acceito e conhecido em toda aquella costa [2].» Partiu Jeronymo de Albuquerque e passando ao Ceará, ahi concertou com Martim Soares, que fosse a reconhecer o resto da costa para sotavento, com o piloto Sebastião Martins, e a sondar a força que tinham os Francezes no Maranhão, em quanto elle ia fundar uma povoação no Camucim, onde o mesmo Soares devia regressar com as noticias que alcançasse.—Partiu Soares para a banda do Pará, e no mez de Agosto se avistou com os Francezes do Maranhão, aos quaes deu por desculpa que andava em busca de um sitio a proposito para estabelecer um engenho de assucar; quando porêm quiz voltar a barlavento não poude montar a costa e foi arribado ás Antilhas, e no Brazil chegou a ser julgado perdido. Albuquerque reconhecendo que 1612.

[1] Prov. de 29 de Maio de 1613.

[2] Jorn. do Maranhão, etc.

SEC. XXVI.

no Camucim a terra era má, e que nem havia agua, pelo que naturalmente já antes fôra abandonada de Europeos, segundo indicavam ruinas de pedra e cal ainda patentes, se retirou a *Jurará-coára*, ou o que vale o mesmo á Bahia das Tartarugas; onde sob a invocação da Senhora do Rosario levantou uma povoação, deixando nella quarenta homens ás ordens de um sobrinbo seu, e regressou a Pernambuco.—Esses infelizes estiveram abandonados, defendendo-se dos Indios, e obrigados a comer hervas do campo, até que dahi a um anno lhes foi mandado de Pernambuco nomeado para os commandar, Manuel de Souza d'Eça, em um navio com soccorros de gente e de mantimentos; os quaes soccorros chegaram justamente tres dias antes que ahi fundeasse uma náo dos do Maranhão, da qual desembarcaram cem homens, que, só depois de rechassados em um ataque, seguiram sua rota.—Eram ja então mais ter-
1613. minantes as ordens do governo para se tratar da conquista das terras de Maranhão; e o Sargento mór Diogo de Campos mui conhecedor do Brazil e que passára esse anno em Portugal, onde estava com licença, recebera ordens terminantes para voltar ao Brazil a tratar desta conquista. Como já para ella estivesse nomeado capitão, o governador confiou a Diogo de Campos o posto de adjunto, para decidirem ambos os negocios em conselho. E em quanto o sargento mór em Pernambuco cuidava do aviamento das munições de guerra e de bocca, seguiu Albuquerque por terra para a Parahiba e Rio Grande a juntar os Indios, esperando neste porto com elles a expedição maritima, nos preparativos da qual se gastaram mais de seis contos de reis.—Antes de partirem os navios de Pernambuco chegaram pela Europa noticias de Martim Soares e com ellas o piloto Sebastião Martins, que muito veiu a ajudar á nova empreza, pela circunstancia de haver reconhecido áquem do Maranhão o porto do Pereá.—Sabida a força com que estavam os Francezes, ordenou o governador que a expedição se limitasse a ir primeiro fundar uma colonia aquem, no dito porto do Pereá, no da Tutoya ou em Paranámerim, onde menos podessem aventurar-se; avisando o governador apenas ahi se estabelecessem. Embarcaram pois em Pernambuco com Diogo Soares uns 300 homens; e partindo do Recife aos 23 d'Agosto de 1614 foram a reunir-se a Jeronymo

SEC. XXVI.

d'Albuquerque, que com Indios em numero menor que este os esperava no Rio Grande.—Seguiram para o Ceará, onde ficaram muitos Indios, alêm de quarenta da armada, em troco de uns dezoito frecheiros que ahi se reuniram. Passaram ao Paranámerim e á Bahia das Tartarugas, e aqui ainda diminuiu o numero dos Indios reduzindo-se a duzentos. Assim ao todo havia 500 homens d'armas: e no meio de não poucos perigos foram fundear no Pereá.—Achando-se este sitio pouco favoravel para estabelecer a povoação, sobretudo pela falta de um manancial de boa agua, mandou Albuquerque em um batel ao fluminense Merchior Rangel, com outros, a explorar algum porto mais pela bahia de S. José adentro. Voltou Rangel com a noticia do que encontrou em Anajátuba, quatro leguas distantes do Rio Mony da margem direita.—Levaram ferro os navios, e atravez de milhares de perigos por entre essas innumeras ilhas do archipelago, que chamaram das Onze mil virgens, depois de navegarem ás vezes sobre lodo, entraram o canal de Mamuna e chegaram por fim ao rio preferido, onde assentaram campo, construindo um forte hexagonal sobre uma pequena eminencia no sitio chamado Guaxenduba, naturalmente em virtude da muita guaxima que nelle havia. Indicou o sitio para o forte o Sargento mór, e logo o engenheiro Francisco de Frias dirigiu sua construcção. Um pequeno manancial separava o dito forte de um morro que do lado do norte lhe ficava a cavalleiro e que não foi occupado.

Em quanto seguiam as obras do forte, que foi chamado de Santa Maria, começaram a acercar-se algumas canoas d'Indios, ora com aparencias de amisade, a qual o capitão mór se mostrava sempre propenso a acreditar, ora com intentos manifestamente hostis; pois alguns deram em umas Indias que andavam mariscando e «com terrivel brutalidade» despedaçaram quatro moçoilas, e mataram um Indio que lhes acudira. Com este facto que parecia não ser mais do que a cerimonia dos Indios de quebrar algumas cabeças como signal de guerra, segundo seus usos e ritos, perderam muitos dos nossos a esperança de atrahir delles a amisade; pois que, depois de tal manifestação, sem a guerra «e sem se lhes dar uma grande rota», não havia que pensar em pazes. Não foram porêm prejudiciaes estas aggressões

SEC. XXVI. preliminares; pois que pelos prisioneiros se poude conhecer melhor o estado, força e intentos dos Francezes, e mandar-se de tudo aviso, por dois caravelões, ao governador do Estado [1]. Deixando de occupar-nos por extenso dessas aggressões, bem como das primeiras investidas dos Francezes por mar, em uma das quaes nos tomaram uma caravela e dois barcos menores, que estavam quasi desguarnecidos, baste saber que por varios contratempos que nos foram favoraveis, os inimigos só conseguiram apresentar-se em força com sete embarcações e muitas canoas, diante do arrayal, mais de vinte dias depois que este fôra occupado, e que se estava fortificando. Se então se limitam a bloquear a recente colonia, talvez que ella se houvesse entregado, ou a sua gente mettido toda ao sertão antes de ser soccorrida. Felizmente porêm os Francezes levados do seu natural ardor, resolveram atacar o arrayal na madru-
Nov, 19. gada do dia 19 de Novembro de 1614.—Mandou Ravardière desembarcar uma força de duzentos Francezes e mais de mil e quinhentos Indios, ás ordens do seu immediato Pezieu. Occupou este a praia, e nella se fortificou com seis trincheiras de pedra ensôssa, e com muita arte as prolongou a cuberto do nosso forte até o morro padrasto a elle, no qual com faxinas se fabricaram parapeitos. Conheceu Albuquerque que já não devia esperar o ataque, e que era essencial tomar a offensiva antes que os atacantes aperfeiçoassem seus reparos. Deixando pois de guarnição no forte unicamente uns trinta soldados dos menos capazes de combater, dividiu a mais força em dois corpos, de setenta espingardeiros e quarenta frecheiros, alêm de um corpo de reserva quasi todo de Indios. Confiou o mando deste ultimo ao seu sobrinho Gregorio Fragoso d'Albuquerque; e dos primeiros, tomou de um o mando, e entregou o outro ao seu companheiro Diogo de Campos. Encarregou-se o capitão mór de ir com a sua gente contornear o morro que occupava o inimigo, e de dar a tempo signal para Diogo de Campos atacar os da praia pelo outro lado. Em quanto effectuavam o movimento veiu um parlamentario de Ravardière com uma carta intimando a Albuquerque que se rendesse. —Abriu-a Diogo de Campos, e suspeitando no inimi-

[1] A «Sua Senhoria» diz Diogo de Campos. Tal era o tratamento que então teriam os governadores.

SEC. XXVI.

go intenções de ganhar tempo, deteve o parlamentario e caíu sobre os da praia, tomando-lhes a primeira trincheira: seriam as dez da manhã. Vinham soccorrel-os os do morro; quando avançou a nossa reserva atancando-os, e aos primeiros, de flanco. Logo Albuquerque se apresentou do outro lado a decidir a acção, o que succedeu em virtude da morte do chefe dos contrarios, o illustre Pezieu. Debalde ideou Ravardière um desembarque com oitenta homens para occupar o nosso forte. A maré tinha vasado, e suas lanchas não podiam aproximar-se, e eram varejadas pela nossa pouca artilheria. Por outro lado tambem os combatentes não podiam embarcar-se: suas canoas estavam igualmente em secco, e em numero de umas quarenta foram incendiadas pelos nossos Indios. Retiraram-se pois os contrarios para o alto; donde foram tambem desallojados; e durante a noite a muito custo se recolheram ás embarcações, havendo para isso Ravardière tido que bordejar pela costa. A perda do inimigo em mortos passou de cem homens; nove ficaram prisioneiros. De nossa parte tivemos onze mortos e dezoito feridos, entrando neste numero Antonio de Albuquerque, filho do capitão mór, e o fluminense Belchior Rangel. Os Francezes desanimaram muito com este revez: e vieram a offerecer um novo exemplo de sua pouca propensão para as emprezas de colonias longinquas. Nota no fim.

E como seja certo que a boa guerra traz boa amisade, Ravardière depois de mandar pedir licença para enterrar os mortos, começou em praticas e correspondencias que pouco a pouco se foram suavisando, a ponto de concluirem os dois chefes por combinar a suspensão de hostilidades por todo o anno immediato, durante o qual pediriam novas ordens das côrtes respectivas, onde cada qual mandaria um agente ou emissario. Nesta correspondencia ja aparece Jeronymo de Albuquerque assignando-se com o cognomen de Maranhão, que desde então tomou.—Para ir a Paris com o agente francez, o capitão De Pratz, nomeou o capitão mór a seu sobrinho Gregorio Fragoso, dando-lhe alêm das instrucções por escripto, uma carta de recommendação habilmente redigida para o embaixador hespanhol naquella côrte. Para Lisboa partiu o sargento mór Diogo de Campos, e em sua companhia, como agente por parte dos Francezes, um official por nome Mathieu Maillard. Junto ao forte tra-

SEC. XXVI. tou Albuquerque de construir uma pequena hermida com a invocação da Senhora da Ajuda: ao mesmo tempo muitos colonos e alguns Indios começaram a fazer roças, e a estender-se para o interior, por onde encontravam melhores terras e aguas; e julgamos que nesta occasião teve origem a povoação de *Icatú* ou Fonte-Boa, á margem direita do Mony.

Decorreram alguns mezes até que no meiado do anno de 1615 chegavam a Jeronymo de Albuquerque tropas de soccorro. E ou porque se viu mais forte, ou porque recebeu novas ordens, intimou a Ravardière que se rendesse, ao que este annuiu, compromettendo-se a partir no fim do anno, isto é dentro do termo de cinco mezes, sendo indemnisado do que deixasse na ilha. Em fé do que fez logo entrega do forte de Itapary (ou de S. José) que na mesma ilha ficava fronteiro ao nosso. Ainda não haviam decorrido tres mezes [1], quando a chegada de um poderoso reforço de sete navios e dois barcos menores trazendo novecentos homens e com elles, ja de volta, o activo sargento mór Diogo de Campos e o capitão Diogo Soares, veiu ainda a fazer alterar o ajustado, e a apressar a partida dos Francezes sem outra condição mais que a da concessão da livre retirada de suas pessoas e bens. Vinha por chefe deste ultimo soccorro, e com o titulo de Governador geral da Armada e Conquista (e por conseguinte com mando superior a Jeronymo de Albuquerque) Alexandre de Moura, que antes fôra capitão em Pernambuco. No dia 3 de Novembro fez Ravardière entrega do forte chamado por elle de S. Luiz, e logo pelos conquistadores de S. Filippe. Os Francezes que o guarneciam se embarcaram para a Europa. Ravardière acompanhou a Alexandre de Moura a Pernambuco e daqui passou a Lisboa. Apezar da mudança do nome do forte, a povoação não veiu a perder a primitiva invocação de S. Luiz, e ainda hoje a conserva a capital do Maranhão. A colonia da Guaxenduba soffreu um incendio; entretanto aos seus moradores attribuimos a origem da actual Anajátuba.

Com os Francezes tinham vindo alguns religiosos capuchinhos. Dois destes, Claude d'Abbeville e Ives d'Evreux

[1] A 17 de Outubro fundearam no Pereá; donde sairam para a ilha de Santa Anna, e desta para o porto de S. Luiz, segundo o roteiro desta jornada escripto pelo piloto mór Manuel Gonçalvez.

foram chronistas deste feito. A obra do ultimo, bem que se imprimisse [1], não chegou a sair a publico. A do primeiro é de maior importancia pelos nomes do paiz que contem, muitos dos quaes ajudam a verificar ou a confirmar os de outros autores. De nossa parte foi historiador de quasi toda a jornada o sargento mór Diogo de Campos, a quem Berredo e Southey não fizeram mais que seguir, ás vezes sem a devida prevenção contra suas exaggerações ou resentimentos, aliás pouco favoraveis á gloria do prudente chefe pernambucano. SEC XXVI. Nota no fim.

Segura a capitania do Maranhão, em virtude de ordens que tinha Alexandre de Moura, antes de regressar a Pernambuco, dispoz a fundação de outra nova, obra de cento e cincoenta leguas ao poente, nas aguas do Pará. Fiou o encargo, com o titulo de capitão mór, a Francisco Caldeira de Castello Branco, que viera por chefe do primeiro soccorro. Partiu Caldeira do Maranhão [2] com cento e cincoenta homens em tres embarcações, e seguindo pela costa com toda a precaução, andando só durante o dia, entrou pela barra do Pará, e foi assentar a povoação a que deu o nome de cidade de *Nossa Senhora de Belem*. O districto primitivo da nova capitania não deixa de ter analogia com o do Maranhão que descrevemos. Em logar do rio Meary temos aqui o grande Amazonas [3]; em vez do Itapicurú, enfiando-se pela bahia de S. José, temos o Tocantins e o golfo que se chamou rio do Pará [4], communicando com o mesmo Amazonas pelo esteiro ou canal de *Tagipurús* [5] que separa do continente a ilha de Marajó de figura oval, e obra de seis tantos maior em superficie que a do Maranhão.—Até na circunstancia de haver no Maranhão como no Pará o fenomeno da pororoca ou macaréo se parecem uma e outra paragem, com a differença de ser na foz do primeiro rio da terra tudo mais grandioso: aguas, ilhas,

[1] Existe della um exemplar na Bibl. publica de Paris, que foi dado a conhecer ao publico pelo benemerito senhor Ferdinand Denis.

[2] No dia de Natal segundo assevera o capitão André Pereira que ia na expedição.

[3] «Trazem os homens cabello comprido como mulheres e de mui perto o parecem; de que pode ser nasceria o engano que dizem das Amazonas».—Este desengano nos dá o capitão André Pereira, companheiro de Caldeira, e autor de uma relação que existe em Madrid.

[4] Isto é Rio do Rio. O mesmo succede com dizer Rio Paraná; e outro tanto passa com varios rios da Europa, cujos nomes etymologicamente não querem dizer senão Rio.

[5] Isto é dos «Canibaes de machados de pedra».

SEC. XXVI.

portos e igarapés, tudo parece formar um labyrinto sem fim.—Preferiu Caldeira uma posição no continente á quem da ilha dc Marajó, analoga, respectivamente a esta, á do forte de Santa Maria da Guaxenduba relativamente á ilha do Maranhão. Assim á margem direita do mencionado rio Pará, a umas trinta leguas da sua foz, e n'um pontal que se afeiçoa entre as aguas do mesmo rio, e as do Guamá, que nelle desemboca ao sul do mesmo pontal, se assentou a nova povoação, que se ficou chamando por abreviação Belem do Pará ou simplesmente Pará; nome que passou á capitania, igualmente chamada do Grão-Pará.

O primeiro capitão, depois de prestar não poucos serviços em recontros com inimigos, ja da terra, ja da Europa, foi deposto pelos seus. Imitaram-o no guerrear os inimigos outros capitães que lhe succederam, e principalmente Bento Maciel que conseguiu desavesar das immediações, principalmente do porto de Curupá ou Garupá [1] os Hollandezes que ahi tinham roças de tabaco [2].

Não deixou a metropole de favorecer bastante as duas novas capitanias, acudindo ao Maranhão com muitos colonos dos Açores, e ordenando que se entendessem para esta capitania todos os degredos ordenados para o Brazil. Pouco depois, por decreto de 13 de Junho de 1621, resolveu-se que as tres capitanias do Ceará, Maranhão e Pará formassem um novo Estado inteiramente independente do Brazil. A providencia era acertada, por isso que então que não se conheciam os barcos de vapor, era quasi mais facil e segura a navegação dali para a Europa que para a Bahia.

Nomeou-se pois para o estado do Maranhão um governador geral e um ouvidor. Houve até idéa da criação de um bispado, annexando-lhe a capitania de Pernambuco [3]; porêm no ecclesiastico tudo se limitou á concessão de poderes de visitador ecclesiastico e de commissario do Santo Officio a Fr. Christovam de Lisboa, custodio dos capuchos, cuja religião e a do Carmo tiveram desde logo conventos o bens nas duas novas capitanias. A Fr. Christovam, ao depois bispo de Angola e escriptor distincto, deve-

[1] Igarupá, Porto. Montoya, Art. y Boc. pag. 156.

[2] Vej. Luiz Figueira, «Relação de varios successos acontecidos no Maranham e Gram Para assim de paz como de guerra» etc. Lisboa; por Mathias Rodriguez. 1631, fol.

[3] C. R. de 9 de Fev. 1622.

SEC. XXVI.

mos uma «Relação geral de toda a Conquista do Maranhão» da qual aproveitou Berredo muitas noticias. Os Jesuitas somente foram tolerados assignando um protesto de que se não intrometteriam em proteger os Indios, impedindo-lhes a sujeição aos colonos, a que se dava o nome de *administração*. Na cidade de S. Luiz assenhorearam-se do convento dos religiosos francezes dois capuchos que haviam acompanhado a Jeronymo de Albuquerque em todos os seus trabalhos. Francisco Coelho de Carvalho, antes capitão da Parahiba, foi o primeiro governador que teve o estado do Maranhão; porêm tardou em seguir a tomar posse pelos motivos que adiante diremos. Antes de sua posse, ja existia em começo, para assegurar a larga distancia da cidade de S. Luiz á de Belem, uma nova colonia na bahia de Gurupy, que mais tarde teve donatario e recebeu o nome de villa de Bragança, em honra da regia estirpe, que veiu a occupar o throno. Tambem ao depois tiveram aqui donatarios as terras de Cumá, as da Ilha de Marajó e as do Cabo do Norte.

Entretanto as outras capitanias seguiam prosperando á sombra da paz. Ao Ceará regressou de capitão o fundador da colonia Martim Soares, que dentro de trinta annos veiu a ser, segundo veremos, um dos campeões da restauração de Pernambuco. No Rio Grande e Parahiba seguia o gentio completamente sugeito; e os engenhos de assucar cresciam em número, de um modo prodigioso. O mesmo succedia na capitania de Itamaracá adjudicada ao conde de Monsanto, D. Alvaro Pires de Castro e Souza. A de Pernambuco ganhára com a assistencia ahi do governador Gaspar de Souza, e depois do seu successor D. Luiz de Souza, que só foi residir na cidade do Salvador quando para isso recebeu ordem expressa da Côrte, acompanhada de uma provisão para que nenhum governador do Brazil tivesse jurisdicção nem cobrasse ordenado, a menos que não residisse na verdadeira capital do Estado.—A povoação do Recife crescia consideravelmente; bem como toda a dita capitania de Pernambuco, sob as ordens do capitão Mathias d'Albuquerque, irmão do donatario, e seu logartenente. A colonisação e cultura se extendera ao extremo meridional da capitania, e se desenvolvia consideravelmente nas visinhanças das *Alagoas*, havendo já na do